



MINISTÉRIO DA ECONOMIA
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA INDÚSTRIA

MARTINS PEREIRA
SC.1. VIDA PÚBLICA
SSC.1. SEIT
SR16. DEMISSÃO DE JMP
1/2
3



S. F. M.

Verbas apresentadas a V. Ex.ª o ~~pedido~~ pedido de demissão
das funções de Sec. Est. Ind. e Tec. (SSC.1), por considerar que as decisões tomadas se referem
a Plano de Ação Política do MFA não asseguram as
condições necessárias ao desempenho dessas funções. Por
prossiguente, considero que tais decisões não respondem ~~de~~
~~de~~ com a indispensável clareza às questões postas pela
equipe reunida ao Conselho de Peritos em 20 de Junho passado,
sendo certo contudo que se trata de uma prova pessoal
que eu não comprometo essa equipa, como tal. Acresce,
~~de~~ ^{ainda} algumas razões de ordem pessoal, que de
nenhum modo devem ser entendidas no sentido de
impugnação quanto à orientação ~~de~~ do trabalho
do Ministério, e que não seriam, aliás, só por
si suficientes para justificar esta decisão.





Assis fundamenteis

- Nas fronteiras qualquer clarificação do poder político : aproximar-se
nossa causa que está, no melhor dos tempos, no
fim de Julho. (falta uma definição precisa do poder,
poder e compozição das "comissões" do MFA; falta uma
revelação governamental relativa ao futuro — talvez mesmo
por um canal imediato a (L)-95)
- Nas fronteiras qualquer auto-crítica do MFA : nestas condições,
e de há muito tempo anterior, e nos tem de ter uma
"distinção" clara (e que neste momento até não é fácil)
em relação aos partidos, torna-se difícil adquirir uma
imagem suprapartidária.
- O programa de Ligação Povo-MFA aparece, nestas circunstâncias,
como perigoso, prematuro e de há muito tempo a imagem de
uma ação maior multiplicação de poderes e conse-
quente interferência política. O que se espera por
um canal o seu carácter fortemente muito prejudicial
e de caráter marcadamente reducionista.
- Como consequência de tudo isto, julgo que o ataque
frontal ao poder económico — em que continuam a
perder-se pessoas das e humanas — já se poderá
vir a ser feito à custa de formar bastante duro
de repressão.

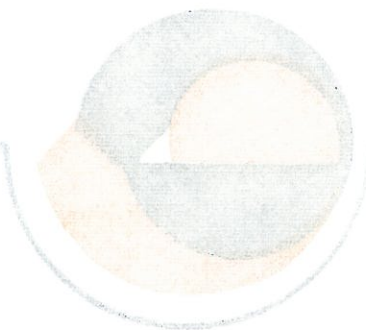
RAZÕES DE UMA DEMISSÃO

Sair do governo pouco dias depois de o ter feito o Partido Socialista apresenta o risco evidente de se ver associado nas suas motivações com estas organizações partidárias.

Sair do governo, sendo um dos responsáveis por importante sector da actividade económica - a indústria -, no momento em que é grave a situação económica e em que tanto se fala de batalha de economia, implica também o risco de ser acusado de deserção, de "abandonar o barco" ~~em~~ individualmente quando ele se começa a afundar.

Sair do governo - sendo mais ou menos conhecido como defensor de um socialismo fortemente descentralizado e de uma via para ele em que, desde já, ~~se acentua~~ se acentua o efectivo poder de controle pelos trabalhadores a vários níveis - no momento em que o MFA aprova um "documento-guia" sobre poder popular que vai no mesmo sentido, parece pelo menos incoerente ^{pode} levantar suspeitas quanto à sinceridade das conicções anteriormente exibidas.





~~Porque a política é feita no Parlamento~~
~~Porque a política é feita no Parlamento~~
~~Porque a política é feita no Parlamento~~

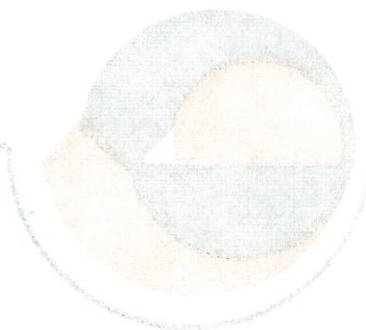
Pois bem, sair do governo nestas condições, quando se está consciente de que se poderá ser objecto de tais acusações, significa que se tem a coragem política (coisa que tanto tem faltado entre nós!) de tomar, num momento particularmente desfavorável, uma decisão ~~que~~ que se está igualmente consciente de não poder adiar mais. E que o único e último serviço que ainda se pode prestar é precisamente o de explicar publicamente e sem rodeios os porquês profundos deste aparente suicídio político.

A este pequeno luxo se podem dar aqueles que, não recebendo ordens de ^{quaisquer grupos ou} partidos, mantêm o privilégio (e a vulnerabilidade, também) de pensar pela sua própria cabeça.

A explicação terá de ser longa. Vámos, pois, a ela sem demoras.

1- ~~A~~ Actuação dos partidos e ~~o~~ projecto político

Foi só a partir do 28 de Setembro, mas sobretudo com o dobrar do ano e a questão da unidade sindical, que se começaram a definir os contornos de uma "questão partidária" que desde então não cessou de se agravar.



Refira-me, e' claro, os conflitos surgidos entre o Partido Socialista e o Partido Comunista, que vieram sucessivamente a polarizar-se sobre determinados problemas concretos: ~~eleições~~ ^{19 de Maio} eleições, ^{informações}, etc.

Seria demasiado simplista, e isso tem sido feito, dizer que um dos partidos se "insere no processo revolucionário" e o outro não - ainda ~~que~~ ^{que} se tem o cuidado de distinguir no segundo, o Partido Socialista, as bases da cúpulas. ~~Até se~~ ^{admitir que isso fosse} correto, em primeira aproximação, pode ~~ser~~ ^{ser} ~~correcto~~, só que é insuficiente para resolver as questões fundamentais, que têm mais a ver com classes do que com partidos. Ora a clivagem entre os dois partidos está longe de corresponder à de duas hipóteses clássicas sociais que irreductivelmente se deslocam: os operários e trabalhadores de diversos sectores, os pequenos e até média burguesia em ambos os partidos, mesmo que as proporções respectivas sejam distintas. Daí que o "drama" histórico da revolução portuguesa ~~esteja~~ ^{esteja} ~~em~~ ^{no} facto de que o bloco social ~~é~~ mobilizável por um projecto revolucionário de socialismo fortemente participado nos ~~e~~ ^{se} possa confundir ^{aproximadamente} com ~~as~~ ^{as} massas mobilizáveis por ^(como tudo seria mais fácil, em tal caso!) qualquer dos partidos. Esta divisão partidária corresponde a

por um corte horizontal que unisse ~~as partes~~ uma ^{laya} maior de
trabalhadores e centros financeiros de pequena e média burguesia
(como forças de apoio indispensáveis) ~~em torno de um projecto político~~ visível e claramente acessível
~~através de~~

por um corte horizontal que unisse ^{uma linha maior} ~~as partes~~ muitas
Trabalhadores e certos frangos de pequena e média burguesia
(como forças de apoio indispensáveis)
em torno de um projecto político ~~claro e~~ ^{visível e claramente acessível}
~~claro~~, que em nenhum dos anteriores poderia ser con-
fundido. Mas reconhecer isto é reconhecer vários outros critérios
que daí derivam. Em primeiro lugar, que tal projecto polí-
tico, condições necessárias do avanço segundo o processo revolu-
cionário, não pode ser obra de qualquer "clique partidário", atra-
vés do qual se dá apenas uma justaposição (confusa) de
projectos ~~manipulativos~~. Segundo, e em consequência, que se
uma força política reúne os partidos poderá definir tal

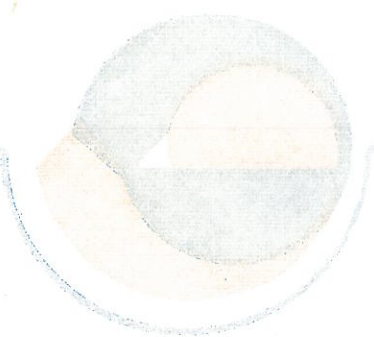
(Ver Verso)



projecto ~~de~~, impô-lo e disciplina-lo. E terceiro, talvez o mais importante, que é indispensável tomar em consideração do mito "Povo/MFA" e compreender que nenhuma revolução se fez em tudo o povo: há que facultar ao processo revolucionário a maioria do povo (seja o que derem as condições ^{específicas} em minorias), mas há também que assegurar o facto de que se tem uma parte do povo contra o processo. Aqui se põe de novo, em termos de "povo", a questão do bloco social revolucionário.

Mas convém esclarecer: ao falar de "projecto político" não estou a referir-me a qualquer elaboração teórica a priori, mas ao exercício de uma prática coerente em que a clara distanciar dos projectos partidários desse, no quotidiano, os grandes elementos de uma "teorização" cada vez mais estruturada e possível. Uma autoridade política assim fundamentada consideraria-se por si mesma, sem contestável.

Isto é facilmente compreensível se olharmos à prática partidária: nenhum partido formulou com precisão o seu "projecto político", mas as respectivas práticas são suficientes para que eles se tornem transparentes. De um lado o culto do voto, do parlamentarismo, da "liberdade" em abstracto,

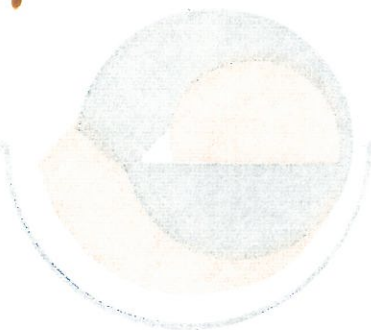


NOTA: O
NOTA: O
NOTA: O

a não-militância revolucionária, os apelos interclassistas que se buscam a um que se acentua e se especula, os métodos, os comportamentos, a "oratória" inflamada, etc. etc. - enfim, um projecto burguês patente. Do outro o culto do aparelho, do cupulismo dogmático, da militância a-crítica, da ^(de linguagem estereotipada) manipulação, a repulsa pelas experiências colectivas e pelas práticas de massa "nas condições", a importância dada à conjuntura de prazos-chave em todos os sectores, a cegueira predilecta ao MFA-mito, etc. etc. - enfim, a prefiguração de um projecto "estatizante" e ^{dirigista} ~~estatizante~~ onde a criticidade da massa ^{nas} tem lugar. ~~estatizante~~

2 - MFA, crise económica e autoridade revolucionária

± o MFA ? Qual a sua prática política ? Simplificando bastante, diríamos que, até ao 11 de Março, foi difícil ao MFA definir-se, pois a presença de epuristas no seu seio ^{constituiu-se no obstáculo} ~~constituiu-se no obstáculo~~ a sua expressão clara como motor do processo revolucionário. Sucede, porém, que já entrei em contacto com os outros partidos. O MFA viu-se obrigado a inserir-se permanentemente na lógica de diversos "verbetes" do "horro" por partidos, o que nem sempre lhe permitiu, antes pelo contrário, evitar identificações que mancharam



Sua imagem de isengos e suprapartidários. É certo que sempre houve sempre uma componente "populista", de onde seu divir tera partida as suas ações mais profundamente revolucionárias, mas isso apareceu sempre mais como um "romantismo" — característica de todos os movimentos mas, também, sempre conduta, ~~mas~~ em última análise, pelas exigências da luta de classes.

De tudo isto resulta, e talvez nos pudesse ter sido de outro modo, que a política política do MFA aparece frequentemente contraditória, agravando o facto ^{de carácter (as atitudes de desordem do processo)} ~~de~~ de uma multipl. cidade de centros de poder efectivo, em domínios parciais mas parcialmente sobrepostos, cada um partindo a sua acção em função de estratégias partidárias ou por reacção a elas. Um mesmo responsável, por vezes, toma posições opostas conforme as circunstâncias: a imagem mesma de todos estes contraditórios ~~tem~~ tem sido dada pelo Ministro de Comunicação Social, que chegou ao ponto de dar uma entrevista a um jornal que uma semana antes classificava de anti-nacional (gravíssimas acusações, ou não?), e ^{pelo} qual mais uma semana antes manifestara pública consideração!

Tal situação é, por vários razões, compreensível (mas se disse já tantas vezes que a luta de classes passa pelo interior do MFA?)

e nos não dramatize se tivéssemos todo o tempo à nossa frente. Mas não temos. Este também já mais que explicou a existência e gradual degradação do movimento revolucionário, as enormes dificuldades de uma fase em que se buscou destruir as relações capitalistas mas em que se está ainda longe do socialismo. Enfrentar simultaneamente ^{problemas de} desemprego, de falta de mercados, de recursos necessários, de blandeza e hesitação, de boicotes eventuais ou declarados, ^(de escassez de meios financeiros) etc exige uma disciplina e uma coesão que a maioria dos portugueses ainda não conheceu desde o 25 de Abril. Dufoix a adotar de medidas que só uma instância autoritária revolucionária tem o direito e o poder de tomar e de aplicar.

O MFA apercebeu-se da situação, mas não conseguiu formular a resposta: o Plano de Ação Política constitui novo compromisso, no momento em que já era perigoso mais um compromisso. O MFA confia ainda nos partidos, confia ainda numa equipe revolucionária a que atribuiu competência, aplicação, coragem revolucionária. Mas o PAP não pode fazer mais do que preparar uma crise política: de uma forma ou de outra, ela terá de surgir. Ai a temos, pois.

Diz-se-aí que, entretanto, o MFA aprovou o "documento-guia"

sobre o poder popular. É certo. Trata-se de uma apaixonante
 prefiguração de que poder um dia ser uma sociedade socialista.
 É importante, mas a concretização de tal projecto passa, in-
 felizmente, pelos próximos 3 ou 4 meses. E para ultrapassar
 estes terá sido indispensável que o MFA fizesse publicamente
 uma profunda auto-crítica. Terá sido decisivo que pronunci-
 se publicamente uma severa acusação ao Partido Socialista por,
 em plena crise política, ameaçar em um parlamento geral
 do país, e ao Partido Comunista por, no dia 4 de Julho,
 ter criado ~~uma~~ artificialmente um clima de tensões que
 quase prenunciava uma guerra civil (porque ter medo das
 palavras?). Terá sido importante que sacrificasse algu-
 mas cabeças para reconstruir um prestígio que ele próprio
 considera abalado.

Faço a isto, o que pode um Secretário de Estado ~~de~~ ~~o~~ ~~de~~
 Dúvida no caso vertente? Manter-se ^{calmamente} ~~tranquilamente~~ no seu
 lugar, ouvir a ideia ~~de~~ Tranquilizadora de que a indústria
 está bem entregue, admitindo que não se continue a depositar
 confiança? Mas a indústria não está bem nem mal entregue.
 O problema, simplesmente, não é esse. A indústria "segura-se"
 no dia em que se "segura" a economia, e nesse dia "segura-se"

o próprio processo revolucionário. Ora isto só é possível fazer-se politicamente, ao mais alto nível político, ao nível MFA. Só é possível fazer-se com uma clara afirmação de intenções revolucionárias. De outra forma, poder-se-á mesmo assim "segurar" a economia, mas talvez isso custe demasiado em termos revolucionários: será inevitável uma ação repressiva, tanto mais dura quanto mais duros passarem. Mesmo admitindo que um MFA, na ausência de outra alternativa, tenha a ter de trilhar esse caminho, sem poder bem diminuir as hipóteses de vir a cumprir-se o programa revolucionário do "documento-guia". São grandes os riscos.

Têm sido ditas tantas palavras, ~~tantas~~ tantas têm sido as sábias análises, tantos os avisos, que, pela minha parte, não vejo ~~mais nada~~ que chegue o vento para promover o meu ~~meu~~ alerta e ~~o~~ fazendo ouvir os bombeiros do MFA. Aceito os meus riscos. Demito-me.

MFA

P.S. - O pedido de desculpas foi feito no dia 14 de Julho. A decisão estava tomada algumas semanas antes, mas a sua gravidade ~~foi~~ ~~impôs~~ ~~impôs~~ impôs uma observação atenta dos acontecimentos posteriores à publicação do P.A.P.